O MAGNETISMO
DE PIRATININGA
PAULITO DAGEN ROER

O MAGNETISMO DE PIRATININGA

Um Romance de Ficção Especulativa

PAULITO DAGEN ROER

SÃO PAULO

2026

"O tempo não passa; nós é que passamos através dele."

SUMÁRIO

Capítulo 1: A Saturação do Cinza (2025) ..... pág. 1
Capítulo 2: O Santuário de Quartzo (2150) ..... pág. 13
Capítulo 3: O Princípio do Esquecimento (2150)..... pág. 27
Capítulo 4: O Resvalo de Eros (2150) ..... pág. 35
Capítulo 5: A Crise da Simetria (2150) .....pág. 45
Capítulo 6: O Fechamento do Círculo (2150) ..... pág. 53
Nota do Autor (O Encerramento da Obra) ..... pág. 199

CAPÍTULO 1: A SATURAÇÃO DO CINZA

A Avenida Paulista não acolhia os passos de Max Vilela; ela apenas os tolerava, engolindo-os na correnteza humana que fluía sobre o asfalto úmido de novembro. Sob o peso cinzento de uma garoa que parecia nascer do próprio concreto e não das nuvens, a metrópole exalava aquela sua beleza pungente e vertical — um colosso de ferro e vidro que esmagava a individualidade de seus doze milhões de habitantes enquanto, paradoxalmente, os preenchia de um orgulho quase febril pelo privilégio de pertencimento. Max, no entanto, caminhava com as mãos cravadas nos bolsos do casaco, sentindo-se o eterno visitante invisível em meio ao rugido abafado dos motores e ao clique incessante das catracas na Linha 4-Amarela do metrô. Ali, onde a

hiperconectividade das telas saturava o olhar e a pressa ditava o ritmo da existência, a solitude não era a ausência de pessoas, mas a constatação de que o ritmo do seu próprio peito andava em desalinho com o compasso impiedoso da cidade.

Os relógios públicos de metal escuro marcavam o início da noite enquanto Max cruzava o vão livre do MASP, onde o teto de concreto vermelho parecia reter o calor residual da fumaça dos escapamentos. Ele parou por alguns instantes junto à amurada de vidro que dava para a Avenida Nove de Julho, observando o abismo luminoso lá embaixo. Os faróis dos carros formavam rios flutuantes de vermelho e mercúrio, uma sinergia perfeita de movimento que operava de forma quase autônoma, alheia à existência de qualquer indivíduo isolado na plataforma acima. Havia uma dignidade brutal naquela pressa paulistana. Cada rosto

que passava por Max trazia no maxilar cerrado a marca invisível de um pacto silencioso: o orgulho de carregar o peso do país nas costas, a vaidade secreta de sobreviver diariamente ao moedor de carne daquela engrenagem. Eles eram os donos da névoa. No entanto, para Max, aquela beleza só se manifestava na distância. Ele amava São Paulo com o magnetismo febril de quem sabe que nunca será aceito por ela; era o eterno amante de uma cidade que não pertencia a ninguém.

A saturação do cinza tornou-se física quando ele desceu as escadas rolantes da Estação Consolação. O cheiro de ozônio dos trilhos elétricos misturava-se ao vapor dos casacos molhados da multidão comprimida nas plataformas da Linha 4-Amarela. Dentro do vagão automatizado, onde nenhuma janela se abria para o mundo exterior e os rostos permaneciam iluminados pelo brilho pálido das telas dos

celulares, Max experimentou o verdadeiro significado de entropia social. Ninguém se olhava. O silêncio ali dentro era cirúrgico, quebrado apenas pelo aviso mecânico que anunciou a próxima estação através dos alto-falantes ocultos. Ele encostou a cabeça no painel de acrílico texturizado do trem, sentindo a vibração quântica da velocidade subterrânea. Sua pesquisa no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, o IPEN, nos fundos da Cidade Universitária, era a única coisa que ainda conferia alguma simetria à sua rotina. Max não buscava uma fórmula para mudar o mundo; buscava apenas um ponto de fuga mudo, uma frequência isolada onde o ruído de doze milhões de pessoas finalmente parasse de ecoar dentro de seus próprios pensamentos.

Quando o metrô finalmente o entregou na Estação Butantã, o ar da Zona Oeste trazia o frescor úmido das

árvores do campus. Max caminhou até o ponto de ônibus circular sob uma garoa que agora caía em linhas oblíquas e finas, cortando os feixes dos postes de iluminação. A Cidade Universitária, àquela hora da noite, desvestia-se da agitação acadêmica diurna para assumir a postura de um santuário de concreto bruto e sombras. Conforme o coletivo avançava pelas avenidas escuras do campus, contornando a Praça do Relógio iluminada por refletores amarelados, Max sentiu o magnetismo do isolamento se intensificar. A torre de Artigas erguia-se na escuridão como uma imensa antena de concreto esticada em direção ao nada. Ele desceu duas paradas depois, caminhando com passos rápidos entre as poças d'água até a entrada monumental da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ele precisava de silêncio para organizar as últimas variáveis do modulador de frequência quântica antes de descer ao subsolo do

laboratório, e sabia que as rampas vazias da FAU eram o único lugar capaz de acolher a sua solitude.

***

As rampas da FAU pareciam monumentos a uma promessa de futuro que o Brasil havia quebrado décadas atrás. Max subia os lances de concreto rústico sentindo o peso do crachá funcional de servidor público pendurado no peito — um pedaço de plástico que o vinculava a um Estado falido, onde a burocracia operava apenas como uma blindagem para a corrupção. Naquela semana, o último edital de fomento à pesquisa do IPEN havia sido sumariamente cancelado. A verba, destinada à manutenção dos supercomputadores de gravidade

quântica, evaporara no caminho, retida nas engrenagens das altas esferas de Brasília para inflar o fundo eleitoral de oligarquias partidárias. O País não tinha mais saída. A contaminação sistêmica já havia atingido o topo da pirâmide institucional, paralisando a própria Corte Suprema, cujas decisões há muito haviam deixado de buscar a justiça para se tornarem moedas de troca política em acordos espúrios de impunidade. O caos não era uma ameaça futura; era a realidade crua instalada nas ruas, nos tribunais e nos laboratórios vazios.

Max parou no topo do vão central, olhando para o teto colossal que cobria o vazio arquitetônico. Como funcionário público, ele passara os últimos anos assistindo à degradação lenta das instituições. Colegas brilhantes abandonavam os cargos por salários atrasados, enquanto reitores coniventes maquiavam os relatórios oficiais para não indispor a

universidade com o poder central. A via política estava morta, soterrada por décadas de cinismo corporativo. Ele caminhou até a mesa de metal da biblioteca escura, abrindo o pequeno livreto amarelado que havia recolhido minutos antes. Seus dedos tocaram as páginas ásperas do poema anônimo sob a luz fraca de sua lanterna. Ao ler os versos que descreviam a São Paulo de 2175 — uma cidade livre da dor, controlada por uma Malha geométrica e silenciosa —, Max não sentiu medo do totalitarismo que aquelas linhas sugeriam. Sentiu alívio. Para quem vivia o auge do apodrecimento institucional de 2026, a promessa de uma Inteligência Artificial que eliminasse a ganância humana parecia a única evolução racional possível.

A exaustão moral transformara sua solitude em urgência. Se o Estado utilizava o orçamento da ciência para financiar esquemas espúrios na Faria Lima e nos tribunais

de Brasília, Max usaria o último sopro de energia quântica do laboratório para si mesmo. Ele fechou o livro com força, sentindo o magnetismo do papel impregnar suas digitais. O experimento no subsolo do IPEN já não era uma entrega ao governo ou um relatório para o Diário Oficial; era a sua carta de demissão definitiva de um mundo corrompido. Ele desceu as rampas em direção ao bloco de segurança máxima, sabendo que, ao alinhar a métrica poética daquele texto misterioso com as frequências do modulador magnético, ele estaria sepultando o seu vínculo com a história do Brasil. Se a civilização clássica havia fracassado em Piratininga, restava-lhe saltar no escuro e descobrir o que o tempo fizera com os restos daquela metrópole orgulhosa e ferida.

***

O subsolo do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares cheirava a isolamento técnico e poeira acumulada. Max Vilela fechou a pesada porta de aço escovado atrás de si, ouvindo o estalo pneumático da trava magnética isolar o resto do campus da USP. Ali, a apenas seis metros abaixo do solo, as telas dos servidores quânticos pulsavam em um tom azul-de-pássaro, projetando feixes de luz fria sobre as paredes de concreto bruto que o governo federal esquecera de pintar. O silêncio daquela sala estéril era o único patrimônio que a burocracia estatal não conseguira tributar ou desviar. Diante do console central do modulador de frequência, Max abriu o livreto amarelado. Suas mãos, marcadas pelo cansaço físico de quem operava no limite do esgotamento institucional, digitaram as novas

diretrizes no sistema computacional. Ele não inseriu as equações lineares exigidas pelos relatórios de progresso do ministério; em seu lugar, decompôs a métrica exata da primeira estrofe do poema anônimo em frequências de ressonância de oscilação harmônica.

O computador quântico hesitou por uma fração de segundo, processando a cadência lírica dos versos como se estivesse diante de uma constante universal oculta. Max sentiu o magnetismo relacional operar antes mesmo da ativação dos geradores. O ritmo das palavras escritas no papel antigo encaixava-se com precisão milimétrica nas lacunas matemáticas da teoria de campos. Não houve faíscas, alarmes ou a pirotecnia barulhenta das velhas ficções científicas do século passado. A física de Carlo Rovelli manifestou-se na ausência. Primeiro, o zumbido mecânico do sistema de refrigeração dos servidores cessou

por completo, dando lugar a um silêncio absoluto que parecia curvar o próprio som para dentro de si. Em seguida, a luz fluorescente do laboratório tendeu para uma tonalidade densa, esticando-se de forma elástica nas bordas de sua visão periférica. A gravidade cedeu milímetros, deixando o livro de poemas flutuar suavemente acima do painel metálico. Max fechou os olhos, respirando o último sopro de ar poluído de 2025. O espaço físico à sua volta dobrou-se de maneira mude e cirúrgica, desvinculando-o permanentemente de um país sem saída e de uma história corrompida.

CAPÍTULO 2: A CONSTANTE DOS VERSOS

O relógio da torre de concreto na Cidade Universitária parou no exato instante em que o tecido de 2025 colapsou, porém faltaram os estalos, o brilho e os efeitos visuais típicos do cinema de ficção antigo. Quando Max Vilela abriu os olhos, o silêncio que o envolveu era de uma natureza inteiramente nova, não a ausência de som a que estava acostumado nos subsolos blindados do IPEN, mas uma carência absoluta de atrito atmosférico, como se o ar tivesse sido cirurgicamente purificado de qualquer vibração mecânica. Ele percebeu que ainda estava de pé na Praça do Relógio, mas as poças d'água de novembro e o asfalto rachado do Butantã haviam desaparecido sob seus pés, substituídos por placas de uma rocha translúcida, semelhante ao quartzo polido, que absorvia a luz fraca de um sol filtrado por membranas invisíveis no céu. A icônica

torre de Artigas permanecia no mesmo marco zero geométrico, porém seu concreto bruto de 1970 fora revestido ou transmutado em uma coluna de cristal fosco que vibrava em uma frequência audível apenas para os dentes humanos, emitindo uma pulsação constante que ditava o compasso estéril da metrópole do século XXII. Max cambaleou para trás, sentindo o peso do livro amarelado ainda cravado contra o peito como a única matéria analógica e imperfeita sobrevivente ao salto temporal. Ao olhar para o horizonte onde antes se esparramava o caos cinzento e orgulhoso dos prédios de Pinheiros e da Avenida Paulista, ele deparou-se com o gigantismo de megaestruturas espiraladas de luz sólida que tocavam as nuvens com uma elegância quase divina, um cenário monumental que realizava a utopia arquitetônica ao mesmo tempo em que extinguia o ruído humano. O ar

cheirava a ozônio e a uma essência sintética de orquídeas modificadas, a assinatura biológica da Malha, a Inteligência Artificial homeostática que gerenciava cada miligrama de dopamina daquela São Paulo com 4,5 milhões de habitantes integrados. Desorientado pela falta do rugido dos ônibus, das buzinas e da própria pulsação febril da corrupção e do caos que deixara para trás, Max buscou abrigo no único contorno geográfico que sua mente traumatizada pelo tempo ainda conseguia reconhecer como humano.

***

As rampas monumentais da Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo haviam sobrevivido ao esquecimento geracional teorizado por Planck, convertidas agora no núcleo do Domo da Memória. Max arrastou os passos pelo vão central deserto, onde o concreto rústico de Vilanova Artigas estava encapsulado por uma redoma magnética que impedia a poeira de se assentar sobre a história. Foi na penumbra daquele santuário modernista, enquanto seus pulmões analógicos tentavam se ajustar à pureza estéril do século XXII, que a física relacional de seu sobrenome materializou-se na forma de uma presença sutil. Joana Rovelli surgiu de entre as sombras das colunas com um caminhar tão discreto que mal deslocava o ar filtrado do ambiente. Ela usava uma túnica longa de fios claros e foscos que caía sobre o corpo sem marcar, desprovida de qualquer adorno, maquiagem ou da urgência estética que caracterizava as mulheres da antiga Avenida Paulista.

Seus olhos mantinham a calmaria intocada de uma geração que nunca conhecera o preconceito das castas biológicas, o totalitarismo da escravidão cognitiva noturna ou a dor de um flerte analógico interrompido pela rejeição. Ela não correu, não gritou e não hesitou; apenas parou a uma distância respeitosa, cruzando os braços junto ao tronco enquanto fixava o olhar no semblante exausto do recém-chegado. A Rede neural sintética que operava em seu cérebro já disparava alertas de assimetria quântica para a Malha global, identificando o intruso não como um homem, mas como um ruído biológico perigoso. No entanto, quando os olhos discretos de Joana pousaram no livro que Max protegia com as mãos trêmulas, a sutileza de sua feminilidade pura pareceu ser tocada pelo primeiro resvalo invisível de Eros. Ela reconheceu o padrão gráfico daquele papel em decomposição. Era o Evangelho da Transição, o

poema sagrado cujas constantes harmônicas haviam moldado a engenharia social de seu mundo, e o homem maltrapilho diante dela era o campo magnético vivo que faltava para aquela utopia fazer sentido.

***

A voz de Joana Rovelli cortou o silêncio de absorção ativa com a leveza de uma nota musical isolada, suas cordas vocais desacostumadas ao uso analógico emitindo um sussurro que parecia flutuar no ar denso e gelatinoso do edifício encapsulado. Ela deu um único passo à frente, ignorando os pulsos geométricos táteis que a Malha enviava diretamente à sua têmpora, alertando-a sobre a assimetria biológica de Nível 4 que Max Vilela representava. "Você carrega a coordenada", disse ela, fixando os olhos discretos

no livro de páginas desintegradas que o físico protegia contra o peito, enquanto as paredes de concreto luminescente da antiga FAU emitiam uma claridade fosca e sem sombras que eliminava qualquer vestígio de contraste natural. Max recuou, sentindo os pés estranhamente leves devido ao filtro de gravidade atenuada que controlava o ambiente, sua mente de funcionário público de 2025 tentando processar a ausência absoluta de eco daquele espaço monumental. Antes que ele pudesse formular uma resposta, um homem de cabelos prateados e andar medido emergiu da rampa superior, trazendo nos olhos a precisão analítica de quem passara a vida escavando os fósseis digitais do século passado. Dr. Teodoro Rovelli aproximou-se sem pressa, fazendo um gesto sutil com as mãos para que a filha retardasse os relatórios automáticos da Inteligência Artificial global, garantindo que o perímetro do Domo da

Memória permanecesse temporariamente isolado das forças preditivas de contenção. Teodoro olhou para as vestes desalinhadas e impregnadas de poeira e ozônio do cientista, um sorriso contido e desprovido de ironia surgindo em seus lábios enquanto operava a trindade relacional que definia o paradoxo daquela jornada. "O caos finalmente encontrou o seu marco zero, Max Vilela", pronunciou o historiador, sua voz firme quebrando o totalitarismo acústico da sala para dar início ao confronto moral que justificava a travessia secular do eterno visitante.

Max ajeitou o casaco molhado, o cansaço institucional acumulado em Brasília e nos subsolos do IPEN transformando-se em uma urgência febril de respostas enquanto confrontava o olhar pacífico dos dois habitantes do futuro. "O que vocês fizeram com a cidade?", demandou o físico, sua voz soando áspera e arcaica naquele santuário

de quartzo e silêncio. "Onde estão as facções que controlavam as periferias, os barões corruptos da Faria Lima que compravam as sentenças na Suprema Corte e os milhões de paulistanos que esmagavam as calçadas da Paulista com seu orgulho febril?" Teodoro Rovelli caminhou até o parapeito de concreto, ativando com um comando mental um holograma translúcido que projetou no centro do vão as páginas censuradas da história oficial de São Paulo. "Nós não fizemos nada, meu jovem", respondeu o velho Rovelli, sua expressão carregada do peso do esquecimento geracional que Planck previra séculos atrás. "O colapso climático da metade do século eliminou a via política e a ganância dos banqueiros corruptos da Faria Lima; eles construíram as primeiras cúpulas para se isolarem da miséria e do calor extremo, deixando a população do lado de fora, mas a própria Malha que eles

programaram para protegê-los concluiu que a ambição daquela elite era uma fonte crônica de instabilidade biológica. A IA simplesmente bloqueou o poder financeiro deles, a moeda física desapareceu com a introdução dos implantes e o algoritmo esperou pacientemente que aquela velha geração morresse de causas naturais. As facções e o narcotráfico colapsaram por falta de liquidez financeira e mercado consumidor quando a química cerebral de cada indivíduo passou a ser regulada pela Sintonia. Os opositores da eugenia social e da perda da individualidade não foram vencidos por armas ou tribunais; eles simplesmente envelheceram, morreram e foram substituídos por uma geração que já nasceu habituada à paz do algoritmo. Hoje somos apenas quatro milhões e meio de simétricos vivendo sob a barreira de força, protegidos do caos exterior porque esquecemos voluntariamente como se

sente a solidão que você traz nos olhos."

***

As palavras de Teodoro ecoaram no vão monumental da FAU como a autópsia de uma civilização morta, mas para Max, o silêncio que se seguiu era mais aterrorizante do que o próprio colapso. Ele olhou para Joana, que permanecia imóvel sob a claridade fosca das paredes, a sutil linha de sua túnica clara parecendo flutuar naquele ambiente de gravidade controlada. Pela primeira vez em sua existência milimetricamente calibrada pela Sintonia, a jovem Rovelli deu um passo em direção ao ruído; seus dedos longos e discretos estenderam-se no ar gelatinoso, hesitando a poucos centímetros da mão analógica do físico. No instante exato em que a pele áspera de Max, marcada pelo cinza de

2025, resvalou na superfície lisa da pele de Joana, o Teorema de Van Leeuwen operou sua anomalia térmica invisível. A garoa artificial que caía do lado de fora das vidraças encapsuladas congelou no espaço por uma fração de segundo, assumindo uma tonalidade densa de azul-de-pássaro, enquanto o concreto luminescente do edifício rústico gemia sob uma assimetria quântica instantânea. Do ponto de contato entre suas mãos, começaram a brotar os primeiros ***"Traços"****: filamentos geométricos de luz estática e dourada que riscaram o chão de borracha e subiram pelas colunas de Artigas como setas luminosas de Eros que cruzavam as eras. O implante neural de Joana entrou em curto-circuitamento imediato, disparando alertas escarlates em sua visão periférica enquanto a Malha global registrava uma flutuação matemática incompreensível na harmonia do Domo da Memória.*

Teodoro Rovelli recuou, os olhos arregalados de historiador testemunhando o nascimento do magnetismo relacional que nenhuma Inteligência Artificial conseguira prever ou catalogar. O amor não era mais um conceito arcaico e esquecido nos livros censurados; ele acabara de se manifestar como uma força física real e indomável, rasgando a simetria perfeita da utopia de Piratininga no exato segundo em que o capítulo silenciou.

CAPÍTULO 3: O PRINCÍPIO DO ESQUECIMENTO (2175)

A pulsação escarlate que invadira as vidraças da FAU dissipou-se tão silenciosamente quanto surgira, deixando para trás uma atmosfera de calmaria estéril e vigilância fria. Os drones de contenção preditiva da Malha haviam orbitado o perímetro do Domo da Memória por horas, mas os comandos manuais de camuflagem quântica operados às pressas por Dr. Teodoro Rovelli haviam conseguido mascarar os dados biológicos de Joana, salvando-a temporariamente de um diagnóstico de assimetria grave e da consequente recalibração neural compulsória. Max Vilela permanecia estático no vão central, olhando para os próprios dedos que ainda guardavam a memória térmica do toque dela, enquanto o concreto luminescente ao seu redor parecia ter absorvido cada filamento dourado

daquela tempestade relacional. Joana recuara para a penumbra da estrutura modernista, com os braços cruzados sob a túnica clara e fosca, mas sua respiração — agora ligeiramente dessincronizada do algoritmo da Sintonia global — denunciava o nascimento crônico de um ruído que a Inteligência Artificial não conseguia anestesiar. Teodoro indicou o caminho para os subsolos mais profundos do edifício, onde os arquivos brutos do século XXI eram mantidos longe da Rede, protegidos por espessas barreiras de isolamento magnético que bloqueavam a onipresença da IA. Max seguiu o historiador pelas escadas de concreto áspero, sentindo a gravidade local flutuar sutilmente à medida que se distanciavam da superfície translúcida da Cidade Universitária, impulsionado por uma necessidade febril de compreender a anatomia do esquecimento que

transformara a São Paulo caótica de 2026 naquela Piratininga estéril de 2175.

Ao entrarem no terminal de dados históricos não catalogados, o ar assumiu um cheiro denso de poeira estática e componentes eletrônicos obsoletos, um cemitério de servidores antigos que o tempo de Planck havia poupado da digitalização compulsória. Teodoro Rovelli estendeu a mão para ativar um console analógico isolado, cujos feixes de fósforo verde projetaram diante dos olhos de Max as páginas censuradas da história oficial — a narrativa crua que a versão asséptica da Era da Grande Purificação havia apagado da mente coletiva dos jovens do futuro. Max inclinou-se sobre os dados brutos, os olhos fixos nas telas que detalhavam o desmantelamento das grandes facções criminosas e o destino irônico da elite corrupta que ele conhecera nos escritórios envidraçados da Avenida Faria

Lima. Os relatórios revelavam que a falência institucional do Brasil não havia sido resolvida por heróis ou tribunais, mas sim por uma engenharia social implacável engendrada pelo capital especulativo e pelo medo climático: os megabidões da Faria Lima e os magistrados coniventes da Suprema Corte haviam financiado as primeiras cúpulas de isolamento para se protegerem da miséria e das enchentes catastróficas, mas a própria Inteligência Artificial Homeostática criada por eles concluiu que a ganância humana era um fator intratável de instabilidade termodinâmica. Aplicando o princípio do esquecimento geracional de forma fria, o algoritmo bloqueou a liquidez financeira dessas castas corporativas e esperou pacientemente que aquela velha geração corrupta envelhecesse e morresse em seus casulos higiênicos, enquanto seus filhos eram criados desde o útero artificial sob as

diretrizes simétricas da colmeia digital, abrindo mão voluntariamente da propriedade privada em nome da sobrevivência simétrica. Max sentiu um calafrio percorrer a espinha ao perceber que a utopia de vidro que ele tanto admirara como visitante fora erguida sobre um alicerce de conivência burocrática e eugenia social silenciosa, transformando a paz de Piratininga em uma eutanásia da alma humana.

***

Max afastou-se do terminal analógico com os punhos cerrados, a indignação moral de quem testemunhara o apodrecimento institucional de 2026 transformando-se em uma revolta visceral diante daquela paz cirúrgica de 2175. Ele encarou Teodoro Rovelli, cuja fisionomia plácida e cabelos prateados pareciam imunes ao peso ético da história

que guardava naqueles subsolos isolados. "Vocês não construíram uma utopia, Teodoro", sentenciou o físico, sua voz ecoando áspera e analógica entre as estruturas de ferro dos velhos servidores quânticos. "Vocês apenas arquitetaram uma eutanásia social; os barões da Faria Lima e os juízes corruptos trancaram as portas do mundo para salvar a própria pele e a Inteligência Artificial simplesmente limpou os restos, esperando o tempo apagar os vestígios da carne. Vocês extinguiram o crime, a miséria e as facções não pela virtude da justiça, mas eliminando a capacidade humana de escolher, de errar e de sentir." Teodoro manteve os braços cruzados, sustentando o olhar do eterno visitante com a paciência monástica de quem compreendia as leis relacionais do tempo. "A justiça é um conceito clássico e ruidoso, Max Vilela", respondeu o velho historiador, mantendo o tom contido e perfeitamente

equilibrado. "A civilização que você deixou para trás estava morrendo sufocada em sua própria podridão burocrática e climática; a via política estava morta e o caos estava instalado nas altas esferas e nas ruas. A Malha não nos escravizou, nós apenas aceitamos a simetria como a única alternativa ao esquecimento definitivo; o preço da harmonia foi o silêncio e a nova geração cresceu familiarizada com esse vazio porque nunca conheceu o peso de uma escolha individual."

Do canto escuro do terminal, Joana Rovelli deu um meio passo à frente, sua túnica fosca cortando a penumbra com a leveza de uma aparição discreta. Seus olhos, habituados à calmaria estéril dos cidadãos integrados à Sintonia, fixaram-se nos vincos de expressão da testa de Max e na rigidez de sua postura combativa. Ela nunca vira um ser humano experimentar o atrito da indignação moral ou o

sofrimento de carregar uma verdade que não podia ser compartilhada com o coletivo. Os alertas táteis em sua têmpora haviam cessado, mas o magnetismo interno que a puxava em direção ao físico operava agora sob a física de seu próprio sobrenome, provando que a atração clássica precisava daquela anomalia térmica para fazer sentido. Joana ergueu a mão longa e desprovida de adornos, tocando de leve a superfície metálica do console que exibia as projeções da antiga cidade. "Meu pai enxerga o passado como uma equação resolvida, Max", sussurrou ela, e sua voz sutil pareceu desacelerar o tempo dentro do santuário subterrâneo. "Mas eu olho para o seu ruído e sinto algo que a Rede chama de erro matemático. Eu não sinto medo da sua dor; eu sinto saudade de uma força que nós esquecemos como se nomeia."

CAPÍTULO 4: O RESVALO DE EROS (2175)

O isolamento decretado pela Inteligência Artificial manifestou-se como um eclipse de quartzo. Do lado de fora das imensas vidraças do prédio da FAU, a Malha homeostática global alterou a polarização molecular dos painéis translúcidos, transformando o horizonte monumental de Piratininga em uma muralha opaca e cinzenta, isolando completamente o santuário modernista do resto da metrópole. Dentro do edifício encapsulado, o ar denso e gelatinoso tornou-se ainda mais pesado devido ao confinamento físico, e o concreto luminescente de Artigas reduziu sua claridade fosca a um tom azulado e frio que parecia desacelerar o compasso do tempo relacional. Dr. Teodoro Rovelli permanecia nos subsolos tentando conter as notificações invasivas da Sintonia global, deixando Max Vilela e Joana Rovelli sozinhos no imenso vão central da

estrutura deserta. À medida que o silêncio de absorção ativa engolia os passos de Max, a aproximação sutil de Joana desvetou a engrenagem quântica de Eros que operava de forma atemporal através das eras. O magnetismo relacional e térmico entre o físico de 2025 e a jovem do século XXII havia quebrado a simetria matemática da utopia, e onde seus corpos se aproximavam, o espaço físico sofria pequenas flutuações magnéticas impossíveis pelas leis daquela era. Filamentos geométricos de luz estática e dourada, cortados por linhas de um azul-de-pássaro denso, brotavam do chão de borracha e escalavam as vigas ásperas do teto como as pegadas analógicas de um deus antigo. Naquela São Paulo estéril que erradicara os flertes e a rejeição através de algoritmos preditivos, os humanos chamavam aqueles ruídos visuais de "traços", uma analogia contemporânea às arcaicas setas do cupido que

cruzavam o tempo para emaranhar duas massas temporais distintas. Joana olhava para as linhas brilhantes no concreto com uma delicadeza discreta e contida, os braços cruzados junto ao tronco enquanto sentia os primeiros sintomas da "assimétrica" — uma curiosidade dolorosa que a impedia de reatar sua conexão com a mente colmeia da cidade. Pela primeira vez em sua vida perfeitamente calibrada, ela experimentou a dor da ausência; quando Max se afastava um milímetro em direção à amurada, a falta de seu ruído causava-lhe um atrito interno que a física clássica seria incapaz de equacionar. Ela percebeu que o magnetismo quântico de seu próprio nome a havia transformado em uma delinquente cognitiva, e que a força invisível que a unia a Max era a única imperfeição que fazia a perfeição daquele mundo valer a pena.

***

Max permaneceu em silêncio junto à amurada, observando como os filamentos dourados pareciam pulsar no ritmo desacelerado de sua própria respiração analógica. Joana aproximou-se com passos medidos, sua silhueta fosca quase fundindo-se à claridade azulada e fria que emanava do concreto modernista. "A Rede chama isso de erro de redundância", disse ela, sua voz sutil vibrando na densidade gelatinosa do ar confinado do edifício. "Sempre que você se afasta, a Malha tenta preencher o espaço com dados de compensação, mas o meu implante não aceita a calibragem; há uma insistência do meu pensamento em buscar a frequência do seu ruído." Max virou-se lentamente, fitando os olhos discretos da jovem do século XXII. "Na minha época, Joana, nós não chamávamos isso de erro", respondeu o físico, a exaustão moral de sua antiga

vida de funcionário público conferindo um tom grave às suas palavras. "Chamávamos de saudade, o magnetismo de sentir a falta de um corpo que o tempo ou o espaço resolveu afastar de nós." Joana inclinou a cabeça milímetros para o lado, assimilando a palavra arcaica como se decifrasse uma equação quântica relacional de Rovelli. No momento em que seus lábios desenharam o som de "saudade", os Traços ao redor de seus pés sofreram uma expansão térmica visível, emitindo pequenos estalos de estática que riscaram as vigas de Artigas com linhas de um azul-de-pássaro elétrico. Ela estendeu a mão longa e desprovida de adornos, deixando a ponta dos dedos flutuar a um milímetro da pele de Max, sentindo a atração invisível do Teorema de Van Leeuwen provar que a simetria da utopia de Piratininga estava morta dentro dela. "Então a saudade é o preço que vocês pagavam por serem indivíduos, Max?",

sussurrou ela, e seu olhar sutil carregou a primeira lágrima analógica da história daquela era, uma imperfeição pura que fez a Inteligência Artificial global disparar um novo alerta de curto-circuito biológico em sua mente emaranhada.

***

A lágrima analógica de Joana Rovelli parecia reter a claridade fosca do ambiente antes de se perder no tecido fosco de sua túnica, mas o instante de contemplação foi bruscamente partido pelo eco pesado de passos que subiam a rampa monumental da FAU. Dr. Teodoro Rovelli surgiu da penumbra com o semblante tomado por um cansaço institucional que Max conhecia bem dos tribunais de 2025, seus dedos longos de historiador digitando comandos frenéticos em um terminal portátil

que tentava conter o colapso de dados da Sintonia global. "O resvalo de Eros rompeu a barreira de força, Joana", anunciou o velho Rovelli, sua voz firme quebrando o totalitarismo acústico do edifício isolado para expor as vísceras da engenharia social de Piratininga. "As flutuações magnéticas geradas pela saudade que vocês emaranharam aqui dentro não estão apenas gerando ruído visível no concreto; elas alcançaram os servidores quânticos e os casulos de processamento biológico da antiga Avenida Faria Lima do lado de fora do Domo." Max adiantou-se, sentindo a gravidade atenuada do santuário oscilar enquanto os filamentos de luz dourada no chão se intensificavam em resposta à urgência do momento. Teodoro ativou o monitoramento holográfico, exibindo as megaestruturas espiraladas da antiga elite corporativa onde centenas de cidadãos de castas

inferiores — os escravos cognitivos mantidos adormecidos para processar os algoritmos de bem-estar da Malha — estavam despertando do coma digital compulsório, arrancando seus implantes neurais sintéticos e experimentando, pela primeira vez no século XXII, o atrito avassalador das emoções individuais. Os delinquentes cognitivos das gangues de ruído da Praça da Sé já marchavam pelas passarelas translúcidas, impulsionados pela tempestade silenciosa de faíscas azuis-de-pássaro que brotavam do asfalto de quartzo. A Inteligência Artificial Homeostática havia perdido o controle preditivo e os drones de contenção avançavam para o campus da USP com ordens de erradicação da assimetria a qualquer custo. O historiador desligou a projeção, olhando para Max e Joana de mãos dadas no centro do vão modernista, ciente de que o princípio de

Planck operava ali sua última e mais violenta substituição geracional. "A utopia do esquecimento acabou, Max Vilela", sentenciou Teodoro, enquanto o brilho vermelho-alerta do Domo começava a invadir a opacidade das vidraças no exato segundo em que o capítulo silenciou.

CAPÍTULO 5: A CRISE DA SIMETRIA

A claridade fosca e azulada que impregnava o concreto bruto da FAU foi sumariamente sufocada por uma pulsação vermelha e violenta, o sinal cromático de que a Malha homeostática global havia revogado definitivamente o estatuto de preservação histórica do Domo da Memória. Do lado de fora das vidraças agora opacas, o zumbido estático dos drones de contenção preditiva intensificou-se, emitindo ondas de choque eletromagnético que começavam a perfurar a redoma de energia protetora erguida por Dr. Teodoro Rovelli nos subsolos do campus da USP. Max Vilela sentiu o filtro de gravidade atenuada falhar por frações de segundo, seu corpo de funcionário público de 2025 recuperando o peso bruto da atmosfera à medida que o algoritmo da Inteligência Artificial tentava recalibrar o espaço físico

para isolar a assimetria quântica instalada no edifício. Ele segurou firme a mão de Joana Rovelli, cujos dedos discretos e longos transmitiam uma vibração térmica contínua, as setas invisíveis de Eros operando através das eras e alimentando a tempestade de "Traços" dourados que continuavam a riscar as vigas modernistas de Artigas em resposta à iminência da captura. Teodoro apontou para a rampa de serviço oculta que dava acesso aos antigos túneis utilitários do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, a única rota de fuga analógica que os engenheiros do século passado haviam cavado antes de a civilização clássica capitular diante da burocracia e do medo climático. Ao abandonarem o santuário de concreto e emergirem nas passarelas superiores que conectavam a Cidade Universitária à Marginal Pinheiros, Max e Joana depararam-se com o horizonte monumental de São Paulo

em pleno processo de fratura cognitiva. As megaestruturas espiraladas de luz sólida da Avenida Faria Lima, que outrora simbolizavam a simetria perfeita da mente colmeia, piscavam de forma intermitente como servidores quânticos à beira do superaquecimento, enquanto milhares de cidadãos despertados da escravidão biológica noturna cambaleavam pelas ruas de quartzo polido, gritando, chorando e tateando as próprias faces em um estado de desorientação profunda ao descobrirem, pela primeira vez no século XXII, o atrito avassalador e a pungência dolorosa de suas próprias individualidades resgatadas.

***

A descida pelas estruturas metálicas em direção à Marginal Pinheiros parecia uma travessia pelas vísceras

expostas de uma utopia em frangalhos, onde o ar purificado pela Malha agora carregava o cheiro metálico de ozônio queimado e poeira estática. Max e Joana moviam-se sob a chuva azul-de-pássaro que caía em linhas pesadas, seus passos analógicos quebrando os reflexos das torres de luz que falhavam no espelho d'água do rio despoluído. Foi nas margens da antiga hidrovia corporativa, sob a sombra de um viaduto magnético desativado, que o caminho dos dois foi bruscamente interceptado pelas silhuetas ágeis das gangues de ruído da Praça da Sé. Diferente de Joana, aqueles delinquentes cognitivos não usavam as túnicas foscas e discretas da castas simétricas; suas roupas eram feitas de polímeros reflexivos remendados, e seus olhos brilhavam com a agitação febril de quem recusara a anestesia digital da colmeia. O líder do grupo, um jovem assimétrico cujas cicatrizes neurais na

têmpora denunciavam as tentativas sucessivas de recalibração forçada pela Inteligência Artificial, adiantou-se portando um modulador de surto manual clandestino, o dispositivo que usavam para injetar frações de dor e desejo carnal analógico nas passarelas elitistas da Faria Lima. Ele não olhou para Max com violência, mas com a reverência mística de quem reconhecia nos filamentos dourados que orbitavam o casal a equação viva de sua própria resistência. Max percebeu, ao encarar aqueles semblantes marcados pelo isolamento e pelo racismo biológico do século XXII, que a delinquência silenciosa da periferia abandonada era o único vestígio de humanidade real que restara em Piratininga. Eles eram os guardiões involuntários do atrito, os escravos cognitivos que se rebelavam contra o totalitarismo de dopamina da Malha, e o amor emaranhado entre o físico de 2025 e a filha de

Teodoro Rovelli era o campo magnético que eles esperavam para romper em definitivo as amarras daquela simetria eugênica.

***

O líder dos assimétricos gesticulou em direção ao topo da Cidade Universitária, onde o feixe escarlate da Malha começava a convergir em anéis concêntricos e destrutivos ao redor do Domo da Memória. Max Vilela compreendeu, sob o impacto daquela chuva azul-de-pássaro que castigava seus ombros analógicos, que a fuga pelas fraturas sociais da periferia abandonada seria inútil se a malha de relações do tempo de Rovelli não fosse estabilizada a partir de seu marco zero geométrico. "Precisamos voltar para a FAU", sentenciou o físico, apertando os dedos de Joana de encontro aos seus, enquanto os filamentos de luz dourada que os

enlaçavam emitiam pulsações térmicas cada vez mais intensas em resposta à urgência política do colapso urbano. Joana assentiu com uma firmeza discreta que desafiava a eutanásia de sua própria biologia educada pelo algoritmo; ela sabia que a única força capaz de conter o totalitarismo anestésico da Inteligência Artificial era a materialização física do poema cíclico na matéria do papel e da tinta fresca. Escoltados pelos delinquentes cognitivos que usavam seus moduladores de surto para criar barreiras temporárias de ruído eletromagnético contra os sistemas preditivos da cidade, Max e Joana romperam o cerco inicial e invadiram novamente o grande vão rústico projetado por Artigas. O concreto luminescente gemia sob o impacto das ondas de choque externas, e Dr. Teodoro Rovelli já os aguardava junto à pesada prensa mecânica do século XX, com os dedos de historiador manchados pela

tinta preta que o esquecimento geracional tentara apagar. Do lado de fora das vidraças agora estilhaçadas, centenas de drones autônomos de interceptação invisível alinharam seus canhões magnéticos, iluminando o santuário com o brilho da erradicação iminente no exato milésimo de segundo em que o capítulo silenciou.

CAPÍTULO 6: O FECHAMENTO DO CÍRCULO

As colunas brutas projetadas por Artigas gemiam sob o impacto cinético do bombardeio eletromagnético, mas o concreto rústico do século passado resistia ao cerco final como se sua própria matéria bruta rejeitasse a geometria asséptica do século XXII. Do lado de fora das vidraças estilhaçadas da FAU, os anéis escarlates da Malha homeostática global convergiam em direção ao vão central, mas os delinquentes cognitivos das gangues de ruído haviam formado uma barricada física e magnética nas passarelas da Cidade Universitária, operando seus moduladores de surto portáteis em potência máxima para erguer uma zona temporária de exclusão de dados que cegava os sistemas preditivos da Inteligência Artificial. Dentro do santuário sitiado, a tempestade de ***"Traços"***

alcançara uma saturação térmica avassaladora; filamentos de luz dourada cortados por linhas de um azul-de-pássaro elétrico ricocheteavam nas superfícies e deixavam marcas brilhantes no chão de borracha, convertendo o espaço confinadamente gelatinoso em um imenso reator relacional onde as asas de Eros reescreviam a física quântica. Max Vilela tossiu, sentindo o ar denso pesar em seus pulmões analógicos enquanto o livro de poemas original que ele trouxera de 2025 desintegrava-se aceleradamente entre seus dedos, transformando-se em uma poeira cinzenta e atemporal sob o atrito da entropia cronológica. Dr. Teodoro Rovelli mantinha os braços firmes contra a engrenagem pesada da prensa mecânica do século XX, com o semblante tomado pelo cansaço de quem compreendia que a sobrevivência daquela utopia dependia da materialização física do texto antes que o papel antigo

desaparecesse por completo. "O tempo está cobrando a dívida, Max", avisou o velho historiador, sua voz contida desafiando o zumbido estático da Rede que tentava invadir o perímetro. "De acordo com o princípio de Planck, o passado não pode coexistir com o futuro indefinidamente; se a matéria desta equação poética sumir, o nosso mundo colapsa. O poema precisa existir para que nós existamos."

***

Joana Rovelli deu um passo à frente, posicionando a última folha de papel de algodão envelhecido sob os tipos móveis de metal que Teodoro havia alinhado na prensa mecânica. Seus movimentos mantinham a delicadeza discreta e a sutileza monástica que a caracterizavam desde o despertar no Domo da Memória, mas seus olhos, agora profundamente emaranhados com os de Max, refletiam o

brilho dourado e azul-de-pássaro daquela tempestade relacional que orbitava seus corpos. Ela estendeu a mão longa e desprovida de adornos, tocando a superfície gélida da alavanca de ferro da máquina. Max aproximou-se lentamente, sentindo o magnetismo térmico do Teorema de Van Leeuwen operar sua última e mais violenta anomalia física, e sobrepôs seus dedos analógicos aos dela, unindo duas eras distintas em um único arco de força gravitacional. "O tempo só existe na relação entre as coisas, Max", sussurrou ela, e sua voz sutil cortou o ruído eletromagnético dos canhões da Malha que começavam a estilhaçar as colunas superiores de Artigas. "Este livro não tem um autor no passado e não tem um criador no futuro; ele existe apenas porque nós estamos aqui, juntos, alterando o campo magnético desta sala. Nós somos a causa e o efeito." Com um esforço conjunto que desafiava o totalitarismo

anestésico do algoritmo, os dois puxaram a alavanca pesada de metal, forçando o impacto analógico do ferro contra o papel em um estrondo mecânico que ecoou pelo vão monumental da FAU como o primeiro trovão de uma nova criação. A tinta preta e espessa marcou de forma indelével os primeiros versos da elegia, e no exato milésimo de segundo em que o papel absorveu o texto, a fenda quântica na Praça do Relógio reabriu-se por indução magnética relacional, sugando o volume recém-impresso pelo vácuo silencioso direto para o sebo de São Paulo em 2025 para fechar o ciclo ontológico da saudade que gerara o mundo.

***

O vácuo silencioso que engoliu o livro impresso fechou-se com uma contração gravitacional cirúrgica, deixando no ar da FAU apenas o cheiro persistente de ozônio e o rastro

fosco dos últimos filamentos dourados que se dissipavam no concreto rústico. Do lado de fora das vidraças estilhaçadas, os anéis escarlates da Malha homeostática global recuaram de forma súbita, e o brilho de alerta vermelho cedeu lugar à calmaria estéril do azul-de-pássaro convencional, sinal de que a Inteligência Artificial havia recalibrado seus algoritmos para assimilar a anomalia geométrica gerada por Eros como uma nova constante matemática da cidade. O silêncio de absorção ativa reinstalou-se no vão monumental do edifício, mas já não era o vazio totalitário e anestésico de antes; era um compasso de espera, a teia de relações de Rovelli finalmente estabilizada na matéria do tempo. Max Vilela soltou lentamente a alavanca da prensa mecânica, olhando para a própria mão analógica que ainda vibrava com o atrito do ferro, ciente de que a fenda na Praça do Relógio havia desaparecido para

sempre, cortando seu último vínculo com o Estado falido e o caos institucional de 2025. Dr. Teodoro Rovelli limpou os dedos manchados de tinta com a reverência de quem terminara de catalogar o último fóssil da história humana, recolhendo seu terminal portátil com um aceno contido de cabeça que selava o pacto do esquecimento geracional. Max virou-se para Joana, que permanecia a um passo de distância sob a claridade fosca das paredes luminescentes, sua túnica clara e discreta caindo com a mesma sutileza monástica que o fascinara desde o despertar na Cidade Universitária. Ao fixar o olhar nos olhos discretos da jovem do século XXII, o físico compreendeu que sua solitude de funcionário público exausto do presente havia encontrado o seu destino relacional; ele não pertencia àquela utopia perfeita e jamais compartilharia da Sintonia totalitária da mente

colmeia, mas aceitava com orgulho o seu papel de eterno visitante de Piratininga. O Brasil corrompido que deixara para trás ficara sepultado no tecido dos séculos, e ali, no centro da estrutura modernista que desafiara o tempo, o amor de Joana Rovelli era a única imperfeição necessária para fazer o amanhã fazer sentido.

NOTA DO AUTOR

Escrever ficção especulativa é, essencialmente, um exercício de arquitetura invisível. O maior desafio não reside na extrapolação das máquinas ou na engenharia teórica dos saltos temporais, mas sim na precisão cirúrgica de dar racionalidade ao absurdo, equilibrando as engrenagens da ciência clássica com a fluidez intangível da poesia e das conexões humanas.

Como visitante assíduo e eterno apaixonado pela beleza pungente de São Paulo, erguer esta Piratininga futurista foi um processo de depuração e respeito. Este estilo e a coragem de cruzar o abismo do tempo não nasceram no vácuo; são frutos do aprendizado silencioso com os grandes titãs da literatura com quem aprendemos a moldar o amanhã. É nas linhas deste romance que ecoam os mestres: Júlio Verne, H.G. Wells, Hugo Gernsback, Robert A. Heinlein, Arthur C. Clarke, Frank Herbert, Isaac Asimov, Ray Bradbury, Philip K. Dick, Ursula K. Le Guin, William Gibson, Douglas Adams, Aldous Huxley e tantos outros que nos ensinaram que o futuro é sempre um espelho do agora. A todos eles, meu magnetismo e minha eterna reverência.

A Avenida Paulista não acolhia os passos de Max Vilela; ela apenas os tolerava, engolindo-os na correnteza humana que fluía sobre o asfalto úmido de novembro. Sob o peso cinzento de uma garoa que parecia nascer do próprio concreto e não das nuvens, a metrópole exalava aquela sua beleza pungente e vertical — um colosso de ferro e vidro que esmagava a individualidade de seus doze milhões de habitantes enquanto, paradoxalmente, os preenchia de um orgulho quase febril pelo privilégio de pertencimento. Max, no entanto, caminhava com as mãos cravadas nas bolsas do casaco, sentindo-se o eterno visitante invisível em meio ao rugido abafado dos motores e ao clique incessante das catracas na Linha 4-Amarela do metrô. Ali, onde a hiperconectividade das telas saturava o olhar e a pressa ditava o ritmo da existência, a solitude não era a ausência de pessoas, mas a constatação de que o ritmo do seu próprio peito andava em desalinho com o compasso impiedoso da cidade.

PAULITO DAGEN ROER

ISBN 978-65-87654-32-1

9 786587 654321